

15/05/2019

O MEDO GLOBAL**Eguimar Felício Chaveiro**[Doutor em Geografia Humana - Professor da
UFG/Universidade Federal de Goiás]

O medo sufoca, asfixia, apequena. O medo faz a taquicardia sair das linhas e, assim, turva os olhos.

As pernas tremem e o pensamento perde o governo – se o sujeito está amedrontado.

O medo é inibitório, sangra, silencia.

Por isso, o medo é uma arma dos autoritários – e de sua covardia. Com medo o sujeito se contrai.

Com medo a criança se desespera, assim a mãe, o pai, o avô. O medo instrui o idoso a querer a morte mais que o riso. Lágrimas são documentos do medo, do mesmo modo o grito de desespero, a escapatória.

A fuga da vida.

Leiamos, com dedicada atenção, o poema “O medo global”, do escritor uruguaio Eduardo Galeano:

O MEDO GLOBAL

Os que trabalham têm medo de perder o trabalho.

**Os que não trabalham têm medo de
nunca encontrar trabalho.**

Quem não tem medo da fome, tem medo da comida.

**Os motoristas têm medo de caminhar
e os pedestres têm medo de ser atropelados.**

**Os civis têm medo dos militares,
os militares têm medo da falta de armas,
as armas têm medo da falta de guerras.**

É o tempo do medo.

**Medo da mulher da violência do homem
e medo do homem da mulher sem medo.**

Medo dos ladrões, medo da polícia.

**Medo da porta sem fechaduras,
do tempo sem relógios,
da criança sem televisão,**

**medo da noite sem comprimidos para dormir
e medo do dia sem comprimidos para despertar.**

**Medo da multidão, medo da solidão,
medo do que foi e do que pode ser,**

medo de morrer,

medo de viver.

■■■

A leitura atenta do poema do *corajoso* escritor uruguaio nos alerta: o medo é historicamente construído. Da leitura pode-se compreender: as sociedades mundializadas, tecnocentradas, de modelo de acumulação financeirizada, obrigadas a expandirem o mercado e a economia; reduzidas ao mundo das estratégias, dos negócios e da mercantilização da vida; conduzidas por corporações monopolistas, impõem a desigualdade social, a guerra, a pobreza e desenvolvem a miséria humana, a “predação ontológica”.

São sociedades do medo.

A hiperprecarização do trabalho e da vida do trabalhador; o desemprego estrutural; a desregulação dos direitos previdenciários são consoantes aos versos de Galeano: “*Os que trabalham têm medo de perder o trabalho. Os que não trabalham têm medo de nunca encontrar trabalho*”.

Mas o medo pode ser reativo: muitos, por medo, matam; outros, com excesso de medo, se matam.

Há os que matam sendo agentes causadores da fome como os impérios agroalimentares; como os latifundiários e os monopolistas.

Há os que ameaçam matar impondo a arma como paliativo da violência, essa violência construída pelos países que criam guerras e lucram com a venda de armas.

Há o medo imposto pelo feminicídio; o medo das populações indígenas de perderem as suas terras.

O medo da solidão daquele que perdeu a família e vive na rua, dia e noite, frio e quente, objeto da indiferença das instituições religiosas, políticas, universitárias.

Medo de programas de TVs que fazem o comércio espetacular da dor...

Contra o medo a solidariedade. A luta. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.